

Celso Furtado, 100 Anos: Roteiro de Leitura

ALEXANDRE MACCHIONE SAES (*)

O centenário de nascimento de Celso Furtado é celebrado neste ano de 2020, oportunidade para homenagear o mais reconhecido economista brasileiro. Nascido em 1920 na cidade de Pombal, na Paraíba, sua trajetória compreende, entre tantas outras atividades, o doutorado na Sorbonne, a atuação na CEPAL, na SUDENE e no Ministério do Planejamento; os anos de exílio como professor em universidades do exterior e o regresso ao Brasil, quando participa da transição democrática e da estruturação do Ministério da Cultura. As diversas atividades exercidas por Furtado se nutrem de suas utopias e projetos de transformação do Brasil, objetos que transparecem nas suas obras.

Sua produção e sua trajetória estão plenamente vivas na sociedade brasileira: seja como intelectual que produziu uma das mais relevantes vertentes interpretativas sobre a economia brasileira na segunda metade do século XX; ou como figura pública que esteve em cargos políticos e técnicos centrais para o desenvolvimento do país; como o economista brasileiro que construiu uma teoria econômica original, tendo sido, em 2003, inclusive, o único brasileiro

a ser indicado ao Prêmio Nobel de Economia; e, finalmente, como reconhecido intérprete do Brasil, formador de gerações de cientistas sociais. Hoje, passados mais de 15 anos de seu falecimento, Celso Furtado continua cultuado como referência tanto para estudos de caráter histórico e teórico quanto como intelectual que fomenta a reflexão na direção de novos horizontes de expectativa.

Ao longo da década de 1980, Celso Furtado já entrava para o cânone do pensamento econômico brasileiro. Com os trabalhos pioneiros na área – de Guido Mantega, *Economia política brasileira* (1984) e de Ricardo Bielschowsky, *Pensamento econômico brasileiro, 1930-1964* (1988) –, Celso Furtado alcançava a posição de principal representante das teses do estruturalismo cepalino no Brasil. Para os autores, a emergência de um pensamento econômico efetivamente brasileiro, fosse na proposição de um modelo de substituição de importações, fosse na dimensão da ideologia desenvolvimentista, teria Celso Furtado como um patrono incontornável.¹

Nesse sentido, duas de suas obras, *Formação econômica do Brasil*

(1959) e *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento* (1961), se completavam, respectivamente, num exercício histórico e na sistematização das teses do subdesenvolvimento, para formar uma perspectiva teórica e um projeto de intervenção política na economia brasileira das mais influentes nas décadas seguintes.

Como Francisco de Oliveira pontua, ao fazer um balanço sobre o papel de *Formação econômica do Brasil*, para sua geração: “ninguém, nestes anos, pensou o Brasil a não ser nos termos furtadianos” (OLIVEIRA, 2003, p. 19). Definindo Celso Furtado como um “demiurgo do Brasil”, Chico de Oliveira considera que o autor “vai além” da tríade dos intérpretes do Brasil – Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.: sua obra, escrita no calor das intensas transformações econômicas do país durante os anos 1950, não somente explicava o Brasil por meio de suas raízes históricas, seguindo a perspectiva analítica dos intérpretes, mas também tinha uma conotação ideológica de grande alcance, por conta de suas proposições sobre o tipo de nação a ser construída.

A década de 1980, por outro lado, foi também um momento de tensão para os defensores das estratégias de desenvolvimento nacional. A crise da dívida externa e a aceleração do processo inflacionário deixaram as propostas de intervenção mais estruturais, como aquelas presentes nos textos de Furtado, em segundo plano. Celso Furtado, em sua acurada análise política, participando ativamente do processo de redemocratização, cedo percebeu que vivia novos tempos:

Visitei Brasília pela primeira vez após a plena instalação da Nova República. Os ministros agora são colegas. Em todas as partes me recebem aos abraços. Já fui agraciado duas vezes: com o Prêmio Nacional da Ciência e Tecnologia, pela primeira vez dado a um cientista social, e como grande oficial da Ordem de Rio Branco.

O papel que me cabia em tudo isso esgotou-se. Não me interessa exercer o poder pelo poder e sei que no setor econômico-financeiro nada de realmente importante pode ser feito. O país não está preparado para enfrentar os problemas maiores. Enfrentá-los sem os meios adequados é provocar desestabilização, dificultar a consolidação das vitórias no plano da redemocratização. Preparar o país a longo prazo para enfrentar os grandes problemas não é tarefa para mim e sim para a nova geração. O que me cabe fazer é continuar pensando

os problemas globais. (FURTADO, 2019, p. 325).

A “nova geração” seria movida, naquela oportunidade, por debates mais imediatos: os sucessivos planos econômicos e as teorias sobre a inflação inercial; anos mais tarde, os projetos de abertura econômica e reinserção do Brasil na economia internacional; ou mesmo a nova dimensão do Estado na economia brasileira, tanto de um lado com as privatizações como de outro com as políticas sociais decorrentes dos compromissos firmados pela Constituição de 1988.

Celso Furtado, todavia, não seria abandonado. Ainda que instigado pelos desafios mais imediatos, sua obra permanecia nas cabeceiras de economistas e cientistas sociais por oferecer sugestões sempre bem-vindas nos momentos de impasse e crise. Se a reflexão de Furtado não se valia do instrumental econômico demandado para a gestão das políticas macroeconômicas ou sociais, suas teses, não obstante parte delas formuladas num Brasil de meados do século XX, ainda permitiam que leitores pudessem sair de pântanos, conforme a narrativa fantástica do Barão de Münchhausen, ao puxar a si mesmo pelos próprios cabelos.

Assim, nas últimas duas décadas, as ideias de Furtado permaneceram presentes na academia, na política, no debate público. Na síntese produzida pelo próprio autor: “O

meu eu incorporou-se ao mundo real na medida em que fiz coisas que são permanentes. Não que o meu nome deva sobreviver com elas, mas o mundo do futuro será algo diferente porque elas ocorreram no passado” (FURTADO, 2019, p. 325).

Furtado está presente na formação das novas gerações universitárias. Mesmo passados sessenta anos da publicação de *Formação econômica do Brasil*, o livro ainda é a referência mais recorrente nos programas de disciplinas de história econômica do Brasil dos cursos de Economia do Brasil (SAES; MANZATTO; SOUSA, 2015).

Furtado está presente nas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação do Brasil. Ao longo das décadas de 1970 e 1980, as interpretações de Celso Furtado foram objeto de debate e suas hipóteses confrontadas com pesquisas monográficas. *Formação econômica do Brasil*, por exemplo, foi obra reiterada e criticada pelas gerações seguintes. Ampla produção universitária buscou confirmar ou demolir algumas de suas teses, tais como sobre a dinâmica da economia colonial, sobre a regressão da economia mineira ou sobre o processo de industrialização. Mas nos últimos, todavia, Celso Furtado e sua obra têm se tornado o objeto de pesquisa: foram 5 teses ou dissertações defendidas sobre Furtado na década de 1990; 16 na

década de 2000; e 21 na década de 2010.²

Furtado, por fim, está presente como pensador do Brasil. Com seu falecimento, em 2004, foi criado o Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, proposta encabeçada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, instituição responsável pela publicação dos *Cadernos do Desenvolvimento*. Se o periódico tinha como papel a divulgação de artigos “em sintonia com as preocupações registradas na obra e na trajetória de Celso Furtado”, o Centro Celso Furtado também publicou textos originais do autor, por meio da coleção de seis livros editados em conjunto com a editora Contraponto: *Ensaio sobre a Venezuela; Economia do desenvolvimento* (curso ministrado na PUC-SP em 1975); *O Nordeste e a saga da Sudene, 1958-1964; O plano Trienal e o Ministério do Planejamento; Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*; e, finalmente, *Anos de Formação 1938-1948: o jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado*.

Por outro lado, são inúmeras as obras que se voltaram nas últimas duas décadas para pensar o legado de Furtado e de suas principais contribuições, tais como *A grande esperança em Celso Furtado*, organizada por Bresser Pereira e José Márcio Rego, e *Celso Furtado e a Formação Econômica do Brasil*, organizada por Francisco Carlos da Silva e Rui Granzieira. Por fim,

e não menos importante, com a retomada da temática do desenvolvimentismo nos anos 2000, em meio às políticas do governo do PT, as teses de Furtado foram recuperadas e sua obra voltou a cumprir um relevante papel de proposição de temas para pensar o Brasil.

A série *Celso Furtado, 100 anos: roteiro de leitura* presta uma homenagem a um dos grandes intelectuais brasileiros do século XX. Ao revisitar a ampla produção bibliográfica de Celso Furtado, ao longo de aproximadamente cinquenta anos de atividade intelectual e de uma produção composta por mais de trinta livros, os artigos da série pretendem debater a obra de Furtado, revisitando tanto livros já consagrados do autor quanto iluminando algumas de suas obras ainda muito pouco conhecidas.

Ao percorrermos a vasta bibliografia produzida por Celso Furtado nos deparamos com uma diversificada produção, com textos ora mais voltados para uma análise sobre os processos históricos, ora mais preocupados com o debate no campo da teoria econômica; encontramos também uma produção de quase manifestos de intervenção política, assim como reminiscências e reflexões de cunho biográfico.³ Evidentemente, ao longo de sua vida não há intervenção sem interpretação teórica e histórica, tampouco interpretação teórica e

histórica sem proposição de ação. Essas dimensões estão intrincadas na trajetória de Furtado, compondo um olhar muito próprio sobre a realidade brasileira e sobre seu projeto de transformação da sociedade.

Suas primeiras obras, ainda produzidas nos anos 1940, são: *Contos da vida expedicionária – de Nápoles a Paris*, livro publicado em 1946 e que faz um retrato de sua experiência na Segunda Guerra Mundial; e sua tese de doutorado, *Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII: elementos de história econômica aplicados à análise de problemas econômicos e sociais*, defendida na Sorbonne em 1948, mas cuja publicação, com a tradução da tese para o português, somente ocorreu em 2001.

Foi durante a década de 1950, todavia, que Celso Furtado alcançou reconhecimento e respeito no campo econômico e no debate público. Quando chegou de Paris, passou pouco tempo no Rio de Janeiro, vinculado ao DASP, mas logo seguiu para Santiago do Chile, no ambiente de formação da Comissão Econômica para a América Latina – CEPAL, em 1949. A vivência com Raúl Prebisch e sua participação ativa nos estudos da instituição inseriram Celso Furtado no mais significativo debate internacional entre economistas daquele período: a teoria do desenvolvimento.

As obras de Celso Furtado publicadas entre 1954 e 1958, *A economia brasileira* (1954), *Uma economia dependente* (1956) e *Perspectivas da economia brasileira* (1958), podem ser consideradas não somente reflexões sobre a conjuntura da economia brasileira, mas também, em algum sentido, ensaios preparatórios para a obra que coroa sua interpretação da década, *Formação econômica do Brasil*, de 1959. Redigida durante sua temporada em Cambridge, a obra-prima nasceu como um *best-seller* e rapidamente foi assimilada não só nas universidades dentro e fora do Brasil, mas especialmente no debate público.

Se *Formação econômica do Brasil* é sua obra de síntese histórica, sistematizada a partir de teorias keynesianas e cepalinas, ainda no mesmo ano, como responsável pela secretaria executiva da SUDENE, Celso Furtado produziu textos de intervenção política como *A operação nordeste* e *Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. Em 1959, ficava explícito que teoria, história e projeto de transformação do país eram partes de uma mesma interpretação e de uma utopia de Brasil.

Essa dimensão teórica e prática seria reiterada com força nos anos subsequentes; anos em que Furtado está no centro da vida pública brasileira, culminando com sua posição de Ministro do Planejamento de João Goulart e autor do Plano Trienal de Desenvolvimento

Econômico e Social. Num curto espaço de tempo, por exemplo, traz a lume *Desenvolvimento e subdesenvolvimento* (1961) e *A pré-revolução brasileira* (1962), livros de caráter muito diverso, mas em algum sentido complementares em seus propósitos: se a primeira é uma obra densa e teórica sobre o caráter do subdesenvolvimento, a segunda era um manifesto sobre a urgência de uma transformação profunda da economia brasileira. Assim, o caráter do subdesenvolvimento das economias periféricas, em 1961, denunciava a necessidade de intervenções políticas como instrumento de superação do atraso; por outro lado, o receituário sugerido para enfrentar a conjuntura em 1962 pautava-se no diagnóstico dos dilemas presentes numa economia subdesenvolvida como a brasileira.

Os primeiros anos da década de 1960, caracterizados por intensos desafios políticos, mas de alguma esperança no sentido de concretizar as grandes e necessárias intervenções para o desenvolvimento da sociedade brasileira, foram rompidos com o golpe de 1964. A partir de então, Celso Furtado parte para seu exílio e para o início de uma produção cada vez mais crítica, de denúncia dos rumos tomados pela elite nacional. Livros como *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina* (1966), *Um projeto para o Brasil* (1968) e *Análise do modelo brasileiro* (1972) criticavam as escolhas políticas do governo

militar que teriam redefinido as prioridades e as ações das almeçadas transformações da sociedade.

No novo cenário, o crescimento da economia brasileira por meio do aprofundamento das conexões com capital estrangeiro e da presença das transnacionais no país produzia a modernização da sociedade brasileira, com os perversos resultados de ampliação da concentração de renda e de redução do controle dos centros internos de decisão. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*, por exemplo, obra que produziu relevante debate sobre o esgotamento do ciclo de crescimento latino-americano, recebendo duras críticas de José Serra e Maria da Conceição Tavares, denunciava os limites do crescimento da economia naquele modelo concentrador de renda; *Análise do modelo brasileiro*, não obstante, reconhecendo a dinâmica econômica com o milagre, questionava a ideia de desenvolvimento, indicando que o “modelo” produzia apenas modernização dos padrões de consumo para uma pequena parcela da sociedade e não o efetivo desenvolvimento nacional.

Em outras obras produzidas nesse período de rápidas passagens pelo Chile e pelos Estados Unidos, e de longa permanência em Paris, como professor da Sorbonne, Furtado também se voltou para leituras de caráter histórico, mas agora para compreender os movimentos de transformação da economia inter-

nacional entre os anos 1960 e 1970. Sobre sua análise da nova conjuntura do início dos anos 1970, de um sistema monetário internacional em crise e de intensificação dos fluxos de capitais, vale destacar o estudo sobre o papel das transnacionais com *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina* (1973).

Durante o exílio, Celso Furtado também se dedicou novamente à reflexão de temas de caráter mais teórico: *O mito do desenvolvimento econômico* (1974), *Prefácio a Nova Economia Política* (1976) e *Pequena introdução ao desenvolvimento* (1980) são livros que reforçam as dimensões histórica e social de sua análise sobre o desenvolvimento, compreendendo o processo de acumulação como expressões de disputas em torno do excedente. A radicalização de sua análise sobre o desenvolvimento, que impôs a implosão das fronteiras do campo da ciência econômica para incorporar novas dimensões sociais e culturais, alcançou o auge com *Criatividade e dependência na civilização industrial* (1978). Como Celso Furtado indicaria, posteriormente em sua obra autobiográfica, essas quatro obras elencadas no parágrafo faziam parte de uma reflexão iniciada ainda em Cambridge, nos anos 1950, cujo objetivo “era elaborar uma linguagem comum aos distintos ramos das ciências sociais que permitisse captar o desenvolvimento como realização

das potencialidades humanas” (FURTADO, 2014, p. 519).

Entre o período da anistia e o início do processo de redemocratização, Celso Furtado passou a vir com maior regularidade para o Brasil, envolvendo-se, inclusive, profundamente com o processo de reconstrução da política e da economia no ano anterior ao processo eleitoral de 1985. A abertura política e seu novo engajamento com os temas nacionais deram novo fôlego ao autor para encarar o debate de política econômica no país. Depois de quase uma década inteira voltado aos temas mais teóricos, ou até mesmo quase filosóficos sobre a teoria do desenvolvimento, acabou por publicar obras como: *O Brasil pós-“milagre”* (1981), *A nova dependência, dívida externa e monetarismo* (1982), *Não à recessão e ao desemprego* (1983) e *ABC da dívida externa* (1989). Livros de temas menos abrangentes e teóricos; livros mais diretos aos temas da conjuntura, de posicionamento e enfrentamento no campo da política econômica.

No segundo lustro da década de 1980, Celso Furtado inicia um longo percurso de autorreflexão, produzindo sua autobiografia em três volumes: *A fantasia organizada* (1985), *A fantasia desfeita* (1989), *Os ares do mundo* (1991). Intelectual de capacidade analítica dos rumos da sociedade, Furtado nunca deixou de avaliar também sua própria posição no processo

histórico. Essa qualidade pode ser conferida por meio de seus *Diários Intermitentes*. Com lançamento no ano passado, os diários foram organizados por sua viúva, a jornalista e tradutora Rosa Freire d’Aguiar, e percorrem a percepção de Furtado sobre sua formação como intelectual e seu papel como personagem público entre os anos de 1937 e 2002.

A exposição apresentada acima não buscou ser exaustiva, tampouco tinha o objetivo de passar em revista a bibliografia completa de Celso Furtado. Deixamos de elencar na narrativa, por exemplo, obras centrais na carreira de Furtado como *Dialética do desenvolvimento* (1964), *Formação econômica da América Latina* (1969), entre tantas outras. Esperamos poder, ao longo da série, vasculhar cada uma das obras de Celso Furtado indicando seus argumentos, os diálogos estabelecidos interna e externamente à obra e as reflexões do autor sobre a sociedade. Aqui, nessa introdução para a série *Celso Furtado, 100 anos: roteiro de leitura*, buscou-se apenas produzir uma viagem panorâmica, que pudesse sugerir alguns percursos do processo de construção dessa vasta bibliografia de Celso Furtado.

A série *Celso Furtado, 100 anos: roteiro de leitura* é uma iniciativa coordenada pelos professores Alexandre Macchione Saes (FEA/USP), Alexandre de Freitas Barbosa (IEB/USP) e pelo pós-doutorando

da FEA/USP José Alex Rego Soares. Ao longo dos próximos meses buscaremos reconstruir o percurso intelectual de Celso Furtado por meio de suas obras, descortinando textos menos conhecidos do autor, assim como recolhendo e sistematizando algumas leituras sobre suas obras consagradas.

Referências

- BIELSCHOWSKY, R. **Pensamento econômico brasileiro - o ciclo ideológico do desenvolvimentismo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, [1988] 2004.
- BRUZZI CURI, Luiz Felipe. Planejamento, industrialização e desenvolvimento na historiografia do pensamento econômico brasileiro: notas preliminares. In: COSENTINO, Daniel; GAMBI, Thiago. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Hucitec, 2019.
- D'AGUIAR, Rosa Freire. Celso Furtado — um retrato intelectual. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 17, p.122-127, jul.-dez. 2015.
- FURTADO, Celso. **Obra autobiográfica**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.
- _____. **Diários intermitentes, 1937-2002**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.
- MANTEGA, Guido. **Economia política brasileira**. Rio de Janeiro: Polis/Vozes, 1984.
- OLIVEIRA, Francisco de. **A navegação venturosa - ensaios sobre Celso Furtado**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- SAES, Alexandre; MANZATTO, Rômulo; SOUSA, Euler. Ensino e pesquisa em história econômica: perfil docente e das disciplinas de história econômica nos cursos de graduação de economia no Brasil. **História Econômica & História de Empresas**, 18, p. 229-263, 2015.
- SAES, Alexandre; MANZATTO, Rômulo. Os sessenta anos de Formação econômica do Brasil: pensamento, história e historiografia. In: SAES, Alexandre; BARBOSA, Alexandre. **Celso Furtado e os sessenta anos de Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: SENAC/BBM, no prelo.
- Obras de Celso Furtado**
- Contos da vida expedicionária - de Nápoles a Paris*. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1946.
- Economia colonial no Brasil nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Hucitec/Abphe. 2001.
- A economia brasileira*. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.
- Uma economia dependente*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956.
- Perspectivas da economia brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958.
- Formação Econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.
- A Operação Nordeste*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1959.
- Uma política de desenvolvimento econômico para o Nordeste*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1959.
- Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.
- Subdesenvolvimento e Estado democrático*. Recife: Condepe, 1962.
- A pré-revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- Dialética do desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.
- Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Editora Nacional, 1967.
- Um projeto para o Brasil*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.
- Formação econômica da América Latina*. Rio de Janeiro: Lia Editora, 1969 [A economia latino-americana. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976].
- Análise do "modelo" brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- O mito do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- Prefácio à nova economia política*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- O Brasil pós-"milagre"*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- A nova dependência, dívida externa e monetarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Não à recessão e ao desemprego*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- Cultura e desenvolvimento em época de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- A fantasia desfeita*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- Transformação e crise na economia mundial*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- ABC da dívida externa*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- Os ares do mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- Brasil, a construção interrompida*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- Obra autobiográfica*. 3 vol. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- O longo amanhecer*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- Introdução ao desenvolvimento: enfoque histórico-estrutural*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 3a. edição revista pelo autor.
- Raízes do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- Em busca de novo modelo*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Arquivos Celso Furtado 1: Ensaio sobre a Venezuela. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

Arquivos Celso Furtado 2: Economia do desenvolvimento (curso ministrado na PUC-SP em 1975). Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

Arquivos Celso Furtado 3: O Nordeste e a saga da Sudene, 1958-1964. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

Arquivos Celso Furtado 4: O plano Trienal e o Ministério do Planejamento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.

Arquivos Celso Furtado 5: Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

Essencial Celso Furtado (antologia). São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.

Arquivos Celso Furtado 6: Anos de Formação 1938-1948: o jornalismo, o serviço público, a guerra, o doutorado. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

Diários intermitentes, 1937-2002. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

3 Na síntese elaborada por sua viúva, Rosa Freire d'Aguiar: "Em meados dos anos 1970, fazendo um balanço dessas três vertentes em que se desdobrou sua atuação como economista, Celso apontou três temas em que concentrou suas pesquisas: o fenômeno da expansão da economia capitalista, a especificidade do subdesenvolvimento e a formação histórica do Brasil de um ângulo econômico. A eles acrescentou, a partir do fim do decênio, as análises sobre a conjuntura internacional em plena mutação; uma nova moldura conceitual que, a partir daí, se expandiu em direção às outras ciências sociais, cruzando as fronteiras das interdisciplinaridades; e uma reflexão constante sobre a metodologia das ciências econômicas". (D'AGUIAR, 2015, p.126).

1 Para a discussão da historiografia do pensamento econômico do Brasil, conferir: BRUZZI CURI, Luiz Felipe. Planejamento, industrialização e desenvolvimento na historiografia do pensamento econômico brasileiro: notas preliminares. In: COSENTINO, Daniel; GAMBI, Thiago. **História do pensamento econômico**. São Paulo: Hucitec, 2019.

2 Pesquisa por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) buscando o termo "Celso Furtado" no título do trabalho. Para pesquisa elaborada por meio do Portal da CAPES esse número é ainda maior: 1990-2000: 6 trabalhos; 2000-2009: 20 trabalhos; 2010-2018: 35 trabalhos. Conferir: Saes e Manzatto (2019).

(*) *Professor de História Econômica do Departamento de Economia – FEA/USP. (E-mail: alexandre.saes@usp.br).*